

Entrevista >> POR CLAUDIA FELIZ cfeliz@redegazeta.com.br

Abdias Nascimento >> 96 ANOS, EX-SENADOR E DEFENSOR DOS DIREITOS DOS NEGROS

“Faço uma guerra pela paz”

EDSON CHAGAS

Abdias Nascimento admite: esforça-se para não pregar a violência na luta contra o racismo

■ Ele tem 96 anos de idade, mas mantém a mesma determinação que, até hoje, o faz símbolo da luta antirracismo. A mesma luta que o fez deixar o Brasil nos anos 1960, e só retornar em 1981, quando passou a realizar a sua batalha também na esfera político-partidária. Abdias Nascimento foi deputado federal e senador da República, pelo Rio de Janeiro. Já na Constituinte de 1946, defendia ampliação dos direitos dos negros. A cota para alunos afrodescendentes em universidade pública tem origem na luta que ele empreendeu, e que ainda empreende, ao lado de sua mulher, Elisa Larkin Nascimento. Criador do Teatro Experimental do Negro, na década de 1940, ele ainda vê uma realidade que o desagrada, em relação ao papel dos afrodescendentes na sociedade brasileira. Mas não prega a guerra, só a paz.

■ O senhor diz que luta contra o racismo desde a sua infância. Quando criança, o que o mobilizava?

Aos oito anos eu já ouvia minha mãe me ensinando a reagir contra as ofensas raciais. Éramos em sete irmãos, e ela nos criou dessa maneira.

■ E esse processo foi se aprofundando ao longo do tempo?

Sim, foi se consolidando. Cada dia de vida recebia uma lição de racismo contra mim, e expressava minha reação contra esse racismo.

universidade pública, o que ainda é muito questionado. O senhor é um dos defensores dessa medida. Chegou a apresentar projeto para que se estabelecesse cotas para acesso ao Instituto Rio Branco.

Fui um dos primeiros a apresentar projeto já na Constituinte de 1946.

■ O senhor veio a Vitória para participar de um evento do qual fazem parte professores. Isso é muito importante. Porque não importa termos só a lei, sem que exista quem ensine às novas gerações.

■ O que, na sua opinião, aconteceu ao longo de todos esses anos com o próprio negro brasileiro?

Ele foi embrutecido, ensinado a não valorizar sua origem. Ensinaaram a ele que África era uma coisa distante, sem valor, sem importância.

■ Faltam poucos dias para o início da Copa do Mundo de Futebol, na África. Que importância isso pode ter, nesse contexto?

A importância é enorme. E se falamos de África não podemos deixar de lembrar da importância de um negro chamado Nelson Mandela.

■ O senhor esteve com ele lá?

Fui visitar a prisão, onde ele esteve encarcerado por 28 anos. Fiz questão de convi-



HOMENAGEM. Indicado para o Prêmio Nobel da Paz em 2010, Abdias Nascimento esteve em

“No Brasil a situação do afrodescendente é de humilhação. Em muitas situações, somos cidadãos de segunda, terceira classe”

como alvo o escritor Jorge Amado. O senhor dizia que a obra dele, de certa maneira, comprometia a imagem da mulher negra. O senhor ainda tem essa mesma visão?

Não mudei minha opinião. Jorge Amado simplesmente considerava em sua obras a mulher negra como uma portadora de sexo. Pode observar que em nenhum romance dele você encontra uma negra numa família estável, com respeito da sociedade.

■ O senhor chegou a conversar com ele sobre sua visão sobre esse assunto?

Olha, nós tivemos contato pessoal, mas nunca para falar francamente dessas coisas. Havia sempre um código não escrito, de ética, que impedia que fizéssemos uma discussão franca dessas questões.

■ Hoje, aos 96 anos de idade, qual é o seu grande sonho, seu grande desejo, ainda como militante de uma causa à qual o senhor deu início há tanto tempo no país?

Eu sonho em virar o Brasil pelo avesso, dar o lugar que o negro merece na sociedade brasileira.

esse racismo.

■ **O senhor se entregou a uma luta, com uma voz quase solitária.** Certamente. Basta dizer que desde 1940, 1950 eu estava lutando. Imagine como as pessoas reagiam a isso.

■ **Sua luta se deu também no parlamento. Com era a sua relação com seus pares?**

“ **Jorge Amado considerava em suas obras a mulher negra como uma portadora de sexo. Em nenhum romance dele você encontra uma negra numa família estável**

Fui o primeiro deputado negro não só na cor da pele. Aos outros não era permitido falar, mas eu não me curvei. Basta ver os registros do Congresso. Tenho alguns livros publicados com os discursos. É só ler para ver como eu tentava falar, e eles tentavam me calar.

■ **O senhor propôs uma série de medidas...**

Ninguém fala nisso. Já na Assembleia Constituinte de 1946, propus uma porção de medidas.

■ **Cite um exemplo.**

Considerar o racismo como um crime de lesa pátria. Não me lembro de tudo, mas desde essa época passei a lutar por uma legislação que obrigasse o Brasil a reconhecer a contribuição africana à formação do povo brasileiro, e também as obras que os afrodescendentes produziram aqui, e que são ignoradas. Afro-brasileiros que foram escravizados e que foram também construtores desta pátria.

■ **Hoje há cota para entrar em**

anos. Fiz questão de convidá-lo para vir ao Brasil, depois que ele já estava liberto. Fui o intermediário desse contato, no governo Leonel Brizola.

■ **Como o senhor vê o atual governo brasileiro?**

Acho que está correspondendo, mas a gente sabe que toda essa luta, da qual eu faço parte desde criança, não é algo que gera resultado rapidamente. É preciso um compasso de conquistas, até que chegue o dia de fazer como fez o Mandela, o dia de libertação total, de uma virada geral do país.

■ **Os afrodescendentes, no Brasil, ainda não são libertos?**

Não. O negro tem acesso proibido em muitos espaços, apesar de não termos lei escrita nesse sentido. Mas isso acontece de fato. Falta acesso a lugares, a carreiras, a determinados empregos.

■ **E o fato de sermos miscigenados interfere?**

Olha, todo mundo aqui é miscigenado, mas o que vale mesmo é a aparência. Ser preto na pele indica a origem africana, que durante anos foi um lugar proscrito da vivência brasileira.

■ **Qual era a realidade que o senhor enfrentava quando deixou o Brasil e foi para os Estados Unidos, na década de 1960?**

Eu já não suportava mais a pressão que sofria dentro do meu país. E também as prisões que sofri simplesmente pela luta que desenvolvia em defesa do meu povo. Fiquei preso nas penitenciárias de São Paulo e também do Rio de Janeiro, tudo isso resultante da minha luta antirracista.

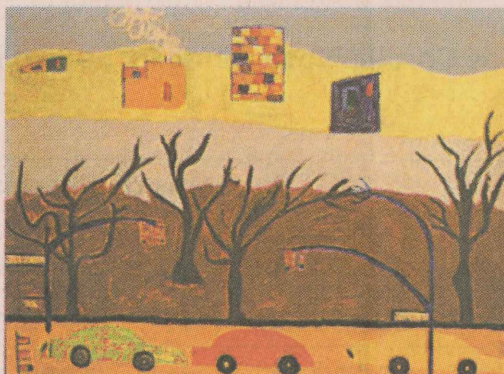
■ **Como foi sua batalha para chegar ao Congresso?**

Dura. Tive que me candidatar cinco vezes para conseguir conquistar uma cadeira.

■ **Como senador, o senhor fez um pronunciamento que tinha**

HOMENAGEM. Indicado para o Prêmio Nobel da Paz em 2010, Abdias Nascimento esteve em Vitória na última semana, onde participou do seminário “Africanidades e afrodescendência”

Na luta e nas artes



■ **TEATRO.** Ao assistir em Lima, no Peru, ao espetáculo “O Imperador Jones”, de Eugene O'Neill, onde o ator branco Hugo D'Evieri estava pintado de preto para fazer o papel principal, Abdias Nascimento decidiu criar, no Brasil, um teatro para denunciar e lutar contra o racismo, e valorizar a cultura de origem africana. O Teatro Experimental do Negro foi criado em 1944, no Rio de Janeiro, com a proposta de “ser instrumento de redenção e resgate dos valores negro-africanos”.

■ **PINTURA.** Mas a obra de Abdias Nascimento, que é também bacharel em Economia, não se restringe ao teatro. Ele pintou suas primeiras telas na década de 1960. No dia da promulgação do AI-5, estava em Nova York, onde pintou a tela Riverside. Seu trabalho inspira-se nas raízes culturais africanas.

■ **NO EXTERIOR.**

Sentindo-se perseguido no Brasil, Abdias Nascimento foi para os Estados Unidos. Durante o período de exílio, que só acabou em 1981, entre outras atividades, lecionou na Escola de Artes Dramáticas da Universidade Yale, e fundou a cadeira de



Cultura Africana no Novo Mundo, Centro de Estudos Porto-riquenhos, Universidade do Estado de Nova York, Búfalo, onde atuou como professor.

■ **PARCEIRA.** Nos EUA, conheceu sua mulher, Elisa Larkin Nascimento, 40 anos mais nova do que ele. Elisa, hoje diretora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afrobrasileiros (Ipeafro), era

uma jovem engajada na luta contra o racismo. Quando conheceu Abdias, trabalhava em defesa de presidiários da Penitenciária de Ática, em Nova York, apontados como culpados pelo massacre de oito reféns, numa rebelião onde foram mortos 38 presos. A culpa pela mortes recaiu sobre os presos, a maioria negros e índios, mas Elisa diz que guardas praticaram o crime.

merece na sociedade brasileira. Dar a ele o reconhecimento pela obra de construção desse país. O negro foi roubado no tempo da escravidão, e depois dela também. Ele não recebe, não tem valor pela obra que ele realizou. Ele ainda é cidadão de segunda classe no nosso país.

■ **O senhor ainda se vê como um guerreiro?**

Sim, mas faço hoje uma guerra pela paz. Tudo o que fazemos é para evitar a violência que foi registrada nos Estados Unidos, na África do Sul. Mas às vezes vejo que é inútil. Enquanto não acontecer o que aconteceu lá fora, fica tudo dentro de uma política de boa vontade, tudo no tradicional sim, senhor.

■ **Nossa guerra pode ser vista na periferia das nossas cidades, nas favelas...**

É verdade, porque ali se vê o retrato da exclusão, que atinge mais os negros no país.

■ **Como o senhor se sente, em relação à essa realidade, depois de tantos anos de luta?**

Eu sou um revoltado. Você pode ver que da minha boca sai muito mais condenação para essa estrutura. Isso não é bom, porque compromete o nosso lado solidário. Mas, afinal, quem pode ser totalmente solidário com o seu opressor?

■ **Mas o senhor, mesmo assim, prega a paz.**

Eu me esforço para não pregar a violência. Quando a gente raciocina calmamente, a gente vê que não leva a nada pregar separação, ódio. Só leva ao caos, à coisa ruim. Mas, volto a dizer, que até hoje a situação do afrodescendente no Brasil é de humilhação. Em muitas situações, somos cidadãos de segunda, de terceira classe. Mas eu luto para que o Brasil seja de fato um país irmão, onde todos os seres humanos possam ser irmãos. Luto por uma nação sem discriminação, sem segregação.

